

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

O Departamento Cultural da APM presta homenagem, através desta edição do Suplemento Cultural, a seis mestres da Medicina, dos quais cinco já faleceram. São eles: Sebastião de Camargo Calazans, que em novembro próximo completará cem anos; Paulo Lentino, Átila Ferreira Vaz, Domingos Delascio, Eurico da Silva Bastos e Walter Edgar Maffei. Todos foram homenageados no último dia 15 de maio, em solenidade realizada pelo Departamento Cultural, na sede da APM.

Calazans, na trilha dos mestres ilustres

* Luiz Cordovani Filho

Nascido a 02 de novembro de 1892, em Paraibuna, filho de João Elias Calazans e Maria Francisca Camargo Calazans. Estudou em Paraibuna e Jacaref e em 1913 ingressou na Faculdade de Medicina da Capital Federal (Rio de Janeiro), onde concluiu o primeiro ano. Transferiu-se para São Paulo, para a Escola de Medicina de São Paulo, na qual concluiu seu curso, em 1918, na primeira turma, que agora representa. Sua tese "A escarlatina em São Paulo" foi aprovada com distinção.

Foi interno acadêmico no Hospital da Força Pública e no Hospital de Isolamento de São Paulo (1916-1918). Em 1919 foi inspetor sanitário, interino, tendo sido efetivado no mesmo ano por concurso. Nesse mesmo ano foi nomeado assistente do Instituto Bacteriológico.

Comissionado pelo Governo e a convite da missão Rockefeller, esteve por dois anos nos Estados Unidos estudando Higiene, Bacteriologia, Imunologia e Organização de Laboratórios de Saúde Pública. Frequentou o Departamento de Higiene e Medicina Preventiva da Universidade de Harvard e os laboratórios de Saúde Pública de Boston, Albany, Nova York e Washington.

Ao retornar foi nomeado diretor dos Institutos Bacteriológico e Vaciniogênico. Em

1923, a convite do prof. Leitão da Cunha, foi relator do tema "Abastecimento higiênico do leite", no 1.º Congresso Brasileiro de Higiene.

Em 1925, foi nomeado assistente no Instituto Butantã. Em 1926, o então diretor do Instituto Butantã, dr. Vital Brasil, o comissionou para organizar um posto bacteriológico na cidade de Santos. Preparou, pela primeira vez em nosso País, os soros antiescarlatinoso e antigangrenoso.

Em 1927, a convite do governo do Rio Grande do Sul foi dirigir e reorganizar o Instituto de Higiene Borges de Medeiros, onde ficou por três anos. Nesse período, conheceu dona Eulália Mendonça de Souza, com quem casou-se e desta união, que perdura até hoje, teve sete filhos: Ana

Alice, Oswaldo, Carlos, Henrique, Luiz Felipe, Ana Maria e Ana Lúcia.

Em 1931, foi removido para o Instituto Bacteriológico e a partir daí foi sucessivamente: assistente chefe da seção de Bacteriologia Experimental e Bacterioterapia do Instituto Butantã; diretor-geral do Serviço Sanitário e do Instituto Adolfo Lutz; membro do Conselho Técnico-Administrativo do Instituto Butantã; e diretor dos Laboratórios Regionais do Instituto Adolfo Lutz.

Publicou inúmeros trabalhos aqui e alguns no Exterior sobre: "Septicemia escarlatina", "Meningite tífica", "Botulismo", "Febre tifóide", "Linfa vacínica", "Infecções anaeróbicas", "Soros aglutinantes", "Laboratórios de Saúde Públi-

ca", "Esquistossomose experimental no carneiro", etc.

Hoje, quando os dois extremos da Faculdade se tocam (1918 - primeira turma e 1991 - última), a APM sente-se honrada em prestar esta justa e merecida homenagem a este médico, verdadeiro Ponce de Leon, que encontrou sua Fonte da Juventude, no amor à família e à profissão.

Homem e médico admirado e amado por muitos, particularmente em Limeira. Homem e médico que teve o privilégio de conviver e ser amigo de verdadeiras lendas da Medicina brasileira. Como exemplo citamos: Arnaldo Vieira de Carvalho e Celestino Bourrol.

O dr. Calazans seguiu a mesma trilha de nossos mais ilustres mestres - Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Vital Brasil - e optou pela especialidade dos mesmos. Este médico, que em novembro próximo completará cem anos de vida, apóia a idéia do Exame de Qualificação e, vai além, sonha com a formação da Ordem dos Médicos do Brasil, à semelhança da OAB - Ordem dos Advogados do Brasil. Hoje o homenageamos não pelos cem anos de vida, mas sim pelos 74 de exercício da Medicina. Deus o abençoe e obrigado por estar conosco nesta noite.

* Luiz Cordovani Filho é diretor Social da APM.

Paulo Lentino, exigente como Freud

* Edmundo Maia

Em todo agrupamento humano há uns tipos que se destacam. Por sua personalidade. Por suas idéias. Por seu estilo de vida. Por suas ações. Por seus exemplos. É evidente que o destaque pode ser positivo ou negativo. Este é mais comum, já que é mais fácil permanecer no primarismo, manter-se na vulgaridade e na inferioridade. Na faixa do destaque positivo, figuram homens que marcaram sua passagem nesta vida através de suas idéias, palavras e atos. Estes são os verdadeiros líderes e luminares da humanidade.

Os grandes homens geralmente são simples, puros, despretenhosos, modestos, até humildes. Nas páginas da História Universal estão escritos, em letras douradas, nomes de pessoas desse quilate. A lista é vasta, abrangendo todas as áreas de atividade e todas as épocas de evolução da humanidade. Nossos homenageados de hoje, pelo exemplo de suas vidas, figuram neste painel.

Aqui estamos reunidos, por uma bela e histórica iniciativa do Departamento Cultural da APM, tendo à frente Guido Palomba, neste salão nobre, hoje transformado simbolicamente num templo grego de Asclépio, para reverenciarmos vultos da Medicina paulista e brasileira, que foram bons e verdadeiros escultótipos por terem exercido sua profissão com respeito, dignidade e grandeza.

Tive o privilégio de conhecer e conviver de perto com cinco dos homenageados desta noite: Paulo Lentino, Átila Vaz, Walter Maffei, no Hospital de Juqueri; Domingos Delascio, na Faculdade de Ciências Médicas de Santos; e Eurico Bastos, através de clientes comuns.

Coube-me falar-vos - e o faço com muita honra - de Paulo Lentino. Nasceu em 23 de outubro de 1909, em São Paulo. Diplomou-se em 1936, na Faculdade de Medicina da USP. Logo se dedicou à Psiquiatria, sem deixar de adquirir uma boa formação clínica. Trabalhou no Recolhimento da Penha, do antigo Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado, sob a chefia do prof. Pacheco e Silva. Depois, foi nomeado psiquiatra do Hospital de Juqueri, trabalhando no 7.º Pavilhão de Mulheres, do qual se tornou chefe-responsável e onde o conheci, ao chegar do Rio, recém-formado, em janeiro de 1944. Na 2.ª Guerra Mundial, tornou-se 2.º tenente do Corpo de Saúde da Aeronáutica. Sem se afastar do Juqueri - e num trabalho disciplinado, em plena sintonia com seu estilo de vida - fez importante estudo sobre os "Aspectos neuropsíquicos das Forças Armadas em tempo de guerra".

Vale recordar que na década de 40, o Juqueri reunia uma plêiade de verdadeiros luminares da Psiquiatria brasileira, como Anibal Silveira, André Teixeira Lima, Darcy Uchôa, Mário Yahn, Fran-



cisco Trancredi e Paulo Lentino - o caçula do grupo. Reuniões de estudo para apresentação e discussão de casos aconteciam duas vezes por semana, supervisionadas por esses mestres. Com a chegada de Walter Maffei foi acrescentada mais uma aula teórico-prática, semanal, aos sábados, no Laboratório de Anatomia Patológica. Além disso, cursos de Psicopatologia, Psiquiatria Clínica e Terapêutica Psiquiátrica se desenvolviam, rotineiramente, dentro e fora do Juqueri, patrocinados pelo Centro de Estudos Franco da Rocha e frequentados por jovens médicos de São Paulo, de outros Estados e de países vizinhos, interessados em aprender Psiquiatria. Como se vê, sobravam motivos para o Juqueri ser considerado, na época, a maior escola de Psiquiatria da América do Sul, forjando os especialistas que vieram a se destacar no País.

Uma decisão política do então governador Ademar de Barros determinando a transferência dos doentes mentais recolhidos às cadeias, deu início à superlotação do Hospital de Juqueri, desestruturando seu razoável funcionamento. Paulo Lentino, em protesto, pediu demissão do serviço público, em 1948/49. Teve a coragem, na época, de passar a viver somente de seu consultório particular, onde trabalhava das 8 às 20 horas. E tanto atendia pacientes de recursos como pobres. Muitos destes chegando a receber medicamentos pagos de seu bolso. Internava seus doentes no Sanatório Bela Vista e, mais tarde, na Clínica Maia.

Paulo Lentino foi sempre ligado à leitura, ao estudo e à música, música erudita, como convinha a um espírito elevado como o dele. Deitava cedo e acordava pelas 5 horas da manhã, quando iniciava suas leituras, numa cadeira de balanço, fizesse calor ou frio. Lia e estudava por compulsão. Verdadeiro autodidata, aprendeu sozinho alemão, grego e latim, além do espanhol, francês e inglês que dominava. Homem de fé, católico praticante convicto, chegou a cogitar aprender aramaico para sen-

tir melhor a mensagem bíblica.

O jovem Paulo Lentino ao ler Freud empolgou-se com suas concepções, numa época difícil em que a Psicanálise era condenada pelos médicos, pela Igreja e pela opinião pública. Mas ao estudar os discípulos de Freud, de acordo com a sua visão aberta, considerou importante o pensamento dos divergentes Adler, Yung, Reich e Stekel.

A experiência clínica adquirida no hospital e no consultório levou Lentino a adotar a linha de Stekel, por ser a mais clínica, intuitiva, prática, dinâmica, direta, e por se afinar melhor com a sua personalidade. A técnica stekeliana busca logo atingir o inconsciente mais profundo do paciente, usando interpretações diretas, súbitas, imprevistas, atuando como um bisturi abrindo e drenando o abscesso. Era a chamada "bofetada stekeliana", criticada pelos ortodoxos, mas que cura com mais rapidez e em maior número os doentes. Muito combatido pelos freudianos, Stekel estabeleceu o caminho da Psicoterapia breve. E Paulo Lentino, por seu trabalho, pode ser considerado o introdutor das técnicas de Stekel nos meios paulista e brasileiro.

Paulo Fraletti, que ingressou no Juqueri quando Lentino estava saindo, recebeu sua influência indireta, adotou e segue até hoje a linha stekeliana. Eu, continuei stekeliano. Mas não puro. Porque acrescentei, em minha prática clínica, a hipnose de Pavlov e a homeopatia de Hahnemann.

Paulo Lentino era psiquiatra de formação eclética. Profundo observador e estudioso dos autores alemães (Kräepelin, Kleist, Kretschmer) dava muita importância aos estigmas físicos degenerativos apresentados pelo paciente. Sentia e descrevia o doente mental através da fenomenologia. Via o paciente como um todo, globalmente, valorizando a indissolúvel relação mente-corpo. Concebeu o "diálogo simbólico", na exploração e psicoterapia do esquizofrênico. Interpretava o simbolismo verbal, conversava usando a mesma linguagem inteligível e com-

preendia o que parecia incompreensível no mundo do esquizofrênico. Adotava, de acordo com o caso, a associação de terapêuticas psicoterápicas, medicamentosas e biológicas em uso, para melhor debelar as perturbações mentais, fossem predominantemente psicógenas ou predominantemente orgânicas. Não aceitava a postura do psicanalista (médico ou não), restringindo a apenas assistir o psíquico, separado do somático e divagando no espaço, com lances de fantasias literárias ou de ficção científica. Protestava contra os rituais dispendiosos da iniciação da Psicanálise ortodoxa. Por sua posição dinâmica, avançada e eclética, era criticado pelos clássicos da Psicanálise.

Paulo Lentino promovia reuniões noturnas de estudo e orientação, em seu consultório, preparando jovens psiquiatras dentro das diretrizes de seu pensamento. Nada cobrava de seus alunos. Mas era exigente, incisivo, categórico como Freud. Os alunos tinham de ler, de início, somente Freud. A seguir, Adler, Yung, Rank, Reich, Stekel, fixando-se mais neste. Cobrava dos alunos exposição e crítica de textos estudados. Explicava e acrescentava comentários. Fazia a supervisão das análises dos alunos em pacientes enviados por ele, além de lhes fazer um tipo de análise didática. Impacientava-se com divergências dos alunos. Não admitia ausências. Por isso, vários deles foram se afastando das aulas. Entretanto, dois de seus discípulos permaneceram fiéis a Paulo Lentino: o dr. João Belline Burza e eu, o mais privilegiado, por ter trabalhado com ele, no 7.º Pavilhão de Mulheres do Hospital de Juqueri, de 1944 a 1948/49. Burza, não obstante antagonismos políticos, jamais deixou de ser amigo de Lentino, mantendo correspondência com ele, mesmo quando passou um tempo na Rússia. Eu aprendi muito com Lentino. Devo-lhe minha boa formação na Psiquiatria, meus primeiros clientes e minha ascensão básica na carreira. Jamais deixei de admirá-lo e respeitá-lo, destacando seu nome como meu "guru", em todas as funções que exerci na administração pública e privada, no magistério e em meu dia-a-dia, na clínica.

Lentino, devido sua introversão, isolava-se demais. Evitava frequentar reuniões sociais. Raramente viajava, a não ser para pescar. Esteve apenas no Rio e em Salvador, acompanhando os mestres de Juqueri convidados para participarem de encontros científicos. Ministrou aulas na Faculdade de Medicina da USP, sobre Psicanálise, Medicina Psicossomática e Psiquiatria, em cursos patrocinados pelo Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, durante a presidência dos então acadêmicos Burza e Duílio Farina, que o fizeram diretor do Departamento Científico do Centro. Publicava seus escritos na revista do Departamento de Assis-

tência a Psicopatas do Estado. Apresentava seus trabalhos no Centro de Estudos Franco da Rocha, no Departamento de Neuropsiquiatria da APM e de outras instituições, sempre em São Paulo. A primorosa biblioteca de Paulo Lentino foi oferecida pela família, numa louvável atitude, à Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da USP.

Em 1972, aos 63 anos, Lentino foi vítima de um AVC. A hemiplegia E., que ficou como seqüela, lhe restringiu as atividades profissionais. Graças a Deus, sua inteligência e memória não foram afetadas. Voltou ainda a atender por algum tempo seus clientes. Em 1973/74, sob meu estímulo e insistência, trabalhou alguns meses na Clínica Maia, cumprindo suas tarefas médicas com a mesma probabilidade de sempre e logo sendo envolvido pelos jovens médicos de minha equipe, que não perderam tempo em colher lições e absorver a experiência do mestre inato.

A evolução de sua doença tê-lo aconchegou-se mais ao lar, ao lado de sua esposa e companheira ideal de todos os momentos, dona Jane, que também foi sua enfermeira e confidante até o fim de sua vida. Com ela mantinha longos diálogos, que a fazia mais ainda admirá-lo e respeitá-lo, igualmente com seus filhos Terezinha, Paulo Augusto, Pedro Paulo e Paulo Eduardo e mais os seis netos. Tornou-se então mais querido, mais respeitado e mais admirado como esposo, pai, avô, médico, professor, sobretudo como um homem de fé inabalável. Basta dizer que durante seus onze anos de doença jamais Lentino manifestou revolta contra seu estado de saúde, jamais soltou um lamento, jamais fez um gesto de desespero. Faleceu em 29 de agosto de 1983 aos 74 anos.

Foi lamentável que Paulo Lentino não tenha escrito um livro. Ele que tinha tanta cultura, tanta sabedoria, tanta ciência, tanta fé, tanta experiência para transmitir! Hipócrates dizia que todas as qualidades de um bom filósofo deveriam ser encontradas no médico: o zelo, altruísmo, modéstia, seriedade, decisão, aparência digna, julgamento firme, pureza de vida, conhecimento do útil e necessário à vida, reprovação das coisas más e um espírito independente e límpido. Paulo Lentino, sem dirimir o mérito dos outros homenageados desta noite, era dotado dessas credenciais. Ele exerceu sua profissão com sabedoria, pureza de alma e coração limpo. Por isso, foi um grande médico, um homem excepcional, um brasileiro honrado e exemplar. Aqui na Terra, Lentino não foi premiado como bem o mereceu. Mas no reino do céu, Deus deve tê-lo premiado colocando-o entre os justos e bons, como bem merecia!

* Edmundo Maia é professor de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas de Santos.

Walter Edgar Maffei, idéias atuais

• José Donato de Próspero

Fui honrado pelos colegas da APM, para esta homenagem ao prof. W. E. Maffei. Dentre os numerosos colaboradores e seguidores de sua extraordinária vida profissional, muitos poderiam fazê-lo, possivelmente muito melhor. No entanto, por ter trabalhado com o prof. Maffei durante cerca de quarenta anos, penso que me tornei merecedor desta honraria.

Desde janeiro de 1952, logo após minha formatura, em dezembro de 1951, na Universidade de São Paulo, junto com Carlos Marigo, passei a auxiliar o prof. Maffei na organização de um novo Departamento de Patologia, na Santa Casa de São Paulo. Naquela época esta grande instituição passava por difícil período, pois havia sido esvaziada com a saída de médicos e estudantes que passaram a trabalhar no então novo Hospital das Clínicas. Médicos ilustres que ali permaneceram, como José Soares Hungria Filho, Nairo Trinch, Álvaro Dinc de Almeida, Aldo Bruno de Finnis, Rezende Barbosa e outros, viam em Maffei

um homem que poderia auxiliar a reerguer a Santa Casa, criando um serviço de Anatomia Patológica, onde todos os tecidos e órgãos retirados de doentes seriam examinados, a fim de possibilitar controle das cirurgias realizadas e dos óbitos ocorridos.

O prof. Maffei iniciou um trabalho que possibilitou melhoria geral do Hospital, e nós tivemos o privilégio de auxiliá-lo. As numerosas reuniões anatomo-clínicas, passaram a ser objeto de discussão dos casos, o que possibilitou avaliar o que estava sendo realizado por muitos médicos que para lá afluíram àquela época. Desde o início, Maffei nos ensinou a importância do arquivo, onde hoje existem 35 mil "slides" de todos os processos patológicos, da documentação, da publicação e da pesquisa científica, pois era sua convicção que este grande hospital fatalmente iria ter uma nova Faculdade de Medicina, pois tinha a tradição de ter sido o berço das Faculdades de Medicina da Universidade de São Paulo e da Escola Paulista. Este sonho concretizou-se onze anos depois e foi o nosso Departamento o



núcleo inicial da nova Faculdade criada por Emilio Atiê e que hoje, desde 1963, é motivo de nosso orgulho naquela grande instituição da Santa Casa de São Paulo.

Desde o início de nossa carreira, sentimos a importância que o prof. Maffei representava para a Patologia. Seu temperamento forte e sua extraordinária personalidade faziam com que as discussões sobre os processos patológicos fossem veementes. Em todos os assuntos ele tinha sua opinião, muitas vezes discordante dos conhecimentos vigentes. As acaloradas discussões acabavam resultando em novas pro-

postas de pesquisas, redundando em trabalhos científicos numerosos não só de nosso Departamento, como de outras disciplinas e também fora do âmbito da Santa Casa.

O tempo se incumbiu de demonstrar quão extraordinárias eram as idéias deste polêmico professor. Na Imunologia, na Patologia Cardíaca, Hepática e outras, suas idéias fizeram frutificar trabalhos científicos, teses de doutorado e docência, numerosas palestras e reuniões, simpósios e outros eventos. Seus trabalhos e seus livros, especialmente no terreno da patologia do sistema nervoso, aí estão para comprovar. Passados quarenta anos, muitas de suas idéias, por vezes consideradas absurdas, tornaram-se atuais. Sua personalidade influenciou direta ou indiretamente a maioria dos patologistas de São Paulo e do Brasil, muitos seus ex-alunos dos cursos de graduação. Suas aulas em salas de autópsia tornaram-se memoráveis.

Como professor e chefe de Departamento, sempre prestigiou seus assistentes e jamais perseguiu ou deixou de apoiar

os que dele discordavam, Maffei não brilhou só no terreno da Medicina. Seus conhecimentos de arte, da literatura e, principalmente, de música, eram notáveis. Inesquecíveis eram as reuniões de música em sua residência, para ouvir Vivaldi, Beethoven, Mozart e outros. Quantas foram as discussões em torno de sua famosa vitrola, cujo pano, bordado por sua esposa Marina, era motivo de seu orgulho pelas variações que apresentava de acordo com a música em execução.

Maffei dava a todos a impressão que jamais morreria. Se isto ocorreu fisicamente, na memória de seus inúmeros seguidores e alunos das Faculdades de Medicina da Universidade de São Paulo, de Sorocaba e em nossa querida Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo, ele é imortal.

• José Donato de Próspero é livre-docente de Anatomia Patológica pela Escola Paulista de Medicina e professor titular do Departamento de Patologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Eurico Bastos, simplicidade como tônica

"Quand un juste succombe un astre naissent se leve de sa tombe..."

• Fábio Schmidt Goffi

No dia 18 de outubro do ano passado, Dia do Médico, foi sepultado em chão paulista o Professor Eurico da Silva Bastos. Perdeu a Medicina brasileira um dos seus mais expressivos nomes e a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, um dos seus mais eminentes mestres.

A terra que o recebeu para o derradeiro descanso é a mesma que ele tanto amou, a defendeu na epopéia de 32 e a engrandeceu com o seu trabalho. Chegando ainda recém-graduado a São Paulo, soube desde logo, aproximar-se dos bons ambientes. Ingressou como médico interno no Hospital Santa Catarina, passando a frequentar continuamente a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a qual ligou definitivamente seu destino. Ali, pelo esforço próprio, pelo estudo persistente, pela imitação dos bons exemplos, mas, sobretudo, graças ao seu incomum espírito criativo, conquistou posições, desde a de assistente extra-numerário até a de professor catedrático, numa sadia demons-

tração daquilo que deve ser a carreira universitária.

A tônica marcante da personalidade de Eurico Bastos foi sua simplicidade. Essa maneira inata de ser, no entanto, estava longe de traduzir o alheamento às causas que o cercavam. Ao contrário, foi um obstinado pelo aprimoramento de suas qualidades em todos os setores da Cultura, da Ciência, da Técnica e da Profissão.

Como criador de uma escola cirúrgica, Eurico Bastos mostrou-se sempre um inovador inconformado com os conceitos estáticos e com os "tabus". Foi um dos pioneiros da neurocirurgia e da cirurgia cardíaca, publicando, há quase meio século, trabalhos sobre tratamento cirúrgico das pericardites purulentas e uma tese de cátedra sobre estudo experimental do tratamento cirúrgico da isquemia do miocárdio.

No campo da cirurgia do aparelho digestivo, deu sua maior contribuição. Quando a cirurgia do pâncreas apenas engatinhava, escreveu uma tese sobre as necroses agudas do pâncreas, adquirindo, progressivamente, uma das maiores experiências em nosso país sobre as ressecções pancreáticas. No domínio da cirurgia da úlcera péptica, defendeu o maior respeito à fi-



siologia normal, procurando evitar as operações mutilantes. Fez-se, ainda, um vanguardista dos conceitos que regem a cirurgia do câncer dos colos e do reto.

Ao conquistar a cátedra de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, deu grande impulso às pesquisas experimentais, chamando a atenção para a necessidade de se estudarem os aspectos funcionais das estruturas e dos órgãos e as alterações fisiopatológicas que as intervenções cirúrgicas acarretam. Pode dizer-se que Eurico Bastos foi o grande incentivador da cirurgia experimental entre nós.

Sua atuação na Faculdade de Medicina da USP não se limitou às atividades na cátedra. Como

seu diretor, realizou uma das administrações mais profícuas. Sentiu nessa ocasião a necessidade da reforma dos métodos de ensino, tendo sido um trabalhador incansável a favor da reestruturação do currículo de graduação da Escola; propiciou meios para a ampliação do equipamento e da área física de vários Departamentos e dependências da Faculdade, entre elas, as reformas da Biblioteca Central e do Teatro e a construção de novo biotério.

Ocupou posições de destaque em várias entidades médicas associativas, tendo sido o primeiro presidente do Diretório Nacional do Colégio Brasileiro de Cirurgiões. Uma das qualidades do verdadeiro professor universitário é a de estar sempre na vanguarda dos acontecimentos científicos em sua área. E esta capacidade premonitória Eurico Bastos sempre exibiu. Em 1945 escreveu: "Não está longe o dia em que a técnica cirúrgica será capaz de substituir órgãos doentes por órgãos sãos. Constitui mesmo um dos meus planos - se as condições materiais o permitirem - fazer ensaios experimentais neste sentido no laboratório de cirurgia experimental da nossa Faculdade". Na verdade, foi imenso o contingente de trabalhos experimentais realizados

naquele laboratório e depois publicados, particularmente, no que concerne aos transplantes de órgãos.

Mas de todas as inúmeras virtudes daquele insigne mestre, ressaltava o seu perfil humanístico. Ao concluir sua oração de paraninfo da turma de 1947 da nossa Faculdade, salientou que "a Medicina continua sendo, cada vez mais, o culto do progresso visando ao bem estar do homem. Continua sendo o Religio Medici, exigindo de todos os médicos mais estudo, mais trabalho, mais humanidade. Isto é humanismo, muito mais gesto e conduta que saber no seu sentido estrito. Saber para ser ainda mais humano, para poder assumir uma atitude mais simpática em face aos problemas dos outros homens, compreendendo-lhes suas necessidades, inspirações e aspirações. E o médico precisa tanto deste humanismo como a terra seca precisa de água. Sem ele, ninguém consegue ser verdadeiramente um médico".

Por isso, a cirurgia brasileira lhe deve imensa gratidão. Hoje uma nova estrela cintila na constelação dos médicos imortais.

• Fábio Schmidt Goffi é professor e ex-diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Átila Vaz, amigo que não se repõe jamais

* Guido Arturo Palomba

Coube-nos a honra de falar sobre Átila Ferreira Vaz. Médico, psiquiatra, filósofo, teologicamente católico-apostólico-romano, filosoficamente, aristotélico tomista, genial pensador de formidável memória, enorme cultura e extraordinária capacidade de síntese. Os seus enunciados continham em poucas palavras uma quantidade tal de informações que era capaz de explicar um fato complexo de maneira clara, simples e adequada.

De vida muito laboriosa e fecunda, escreveu inúmeras obras no campo da Psiquiatria e da Filosofia. "Tratado de Psiquiatria", "Conheça Psiquiatria", "Psicopatía Única", "Os Quatro Pensamentos do Homem", "Delenda Psiquiatria" são alguns títulos que publicou, obras cujo conteúdo revelam a essência do homem inteligente e erudito, capaz de abraçar os mais diversos assuntos pertinentes à natureza do homem.

Amigo, daqueles que se não repõe jamais, não media esforços e conseqüências para apoiar um dos seus. Era mestre que ajudava o discípulo, não pela transmissão passiva que o aluno recebe pelo simples contato com o professor,

mas transmissão ativa, zelosa e carinhosa, que só é possível ocorrer quando a natureza do homem é superior. Assim era a natureza de Átila Ferreira Vaz.

De feições ternas, óculos, estatura mediana, avental branco, rodeado de livros, do lado alguns cérebros dissecados, fazendo anotações - certamente muito importantes -, era assim um pouco de Átila Ferreira Vaz.

Nós o conhecemos no Centro de Estudo do Cérebro, no Hospital de Juqueri, sua oficina de trabalho, onde desenvolveu várias concepções psiquiátricas que merecem lugar de destaque na galeria das descobertas médicas que engrandecem a Medicina brasileira. Um dos seus trabalhos foi com o cérebro epiléptico. Após o estudo de milhares de doentes do Mal Sagrado, visualizou, anatomicamente, a união substancial entre o corpo e a alma, entre os sintomas anímicos e somáticos, a ponto de castigar, com formais desmentidos, a cisão arbitrariamente cavada por Descartes e sua escola, entre o corpo e o espírito.

Foi um grande mestre da Escola Psiquiátrica de Juqueri. Doutrinador, não era eclético, o que aceita tudo, nem



era ortodoxo, o que segue pasmado uma só linha, mas era composto, aquele que tem posição firme e definida e grandeza de aceitar tudo de bom que outras doutrinas, até mesmo algumas contrárias, são capazes de oferecer.

Foi contemporâneo e amigo dos grandes de Juqueri: Pacheco e Silva, Anibal Silveira, Teixeira Lima, Ruy Piazza, Osório Cesar, Passos, Edmundo Maia, Maffei, Fiori, Fraletti, Godinho Leite, Coura, Alho Filho, Biaggio Schettino, Barradas.

Promoveu a vinda de Sartre para o Brasil, foi prefeito de Taquaritinga, descreveu o cérebro normal, descobriu o substrato anatomopatológico das personalidades psicopáticas, formou a banda do Hospital de Juqueri... essas são

algumas particularidades desse erudito senhor que sabia dez idiomas diferentes.

Casado com dona Olga Miziara Vaz, aqui presente, exemplo de companheirismo, cujo zelo sem descansos contribuiu para a grandeza da vida e da obra do sempre terno amigo doutor Átila. Teve dois filhos, também aqui presentes, Rosalina e Heitor, aos quais rendemos as nossas mais sinceras homenagens.

Átila Ferreira Vaz morreu no dia 15 de agosto de 1984, aos 76 anos de idade. Morreu lendo a Suma Teológica de São Tomás de Aquino, santo que o transportou para o porto seguro da imortalidade, depois da longa e frutífera viagem pelos reinos da terra.

Átila Ferreira Vaz, esse grande pensador católico, dizia que o cometa Halley tinha vindo pouco depois dele ter nascido, veio e foi se embôra, e só voltaria depois de morrer. De fato, morreu antes, mas nem por isso deixou de ter lindos sonhos de estrela, tão belos quanto os de cometa, sonhos que se transformaram em realidade perene, armazenados em obras e discursos, para as gerações vindouras.

* Guido Arturo Palomba é diretor Cultural da APM.

Coluna do livro

A Academia de Medicina de São Paulo, no dia 30 de junho último, em sessão solene, deu posse aos novos membros titulares, aos membros eméritos e entregou o prêmio da Academia, ano 1991. Os novos acadêmicos são: Bernardino Tranchesi Junior, Geraldo Antonio de Medeiros Neto, Guido Arturo Palomba (que proferiu oração em nome dos novos titulares), Irineu Tadeu Velasco, Mauricio Rocha e Silva, Paulo Kassab, Ricardo Renzo Brentane, Sérgio Pereira de Almeida Toledo, Sérgio Vieira Bettele e Valentin Gentil Filho.

Os membros eméritos: Daher Cutait, Henrique Walter Pinotti, Moacyr Pádua Vilela, Moyses Mincis, Antonio Lázaro Valeriano Marques, Geraldo Eduardo de Faria, Humberto Pedro Jacobucci e João Carlos Anacleto. O trabalho premiado "Imunidade Humoral em Recém-nascidos Prematuros" foi elaborado por Beatriz Tavares Costa Carvalho, Helena Maria Correia de Souza Vieira e Magda Maria Sales Carneiro Sampaio. Na ocasião, foi proferida palestra sobre "O Problema Social Brasileiro", pelo membro benemérito Antonio Ermírio de Moraes

Carlos Henry publicou o seu primeiro livro: "Até a Primeira Estrela" (Sigla Editora). A obra é muito interessante e compõe-se de historietas, cujos temas encerram profundidade e humor. Entre eles (ao todo são vinte), destacam-se os seguintes títulos: Para sempre, Fábula sem moral, Solidão, Amigo de Poeta, João Boca, Zona Franca, Velhos Carnavais, Um último beijo, Cristiana.

O autor é médico e exerce a profissão em São Paulo. Compõe músicas populares, fez diversas letras em parceria com artistas de renome e publicou vários trabalhos em revistas e jornais, entre eles, no Pasquim. Atualmente colabora no Jornal da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos.

Domingos Delascio, ideais humanísticos

* Luiz Camano

A honraria que a Associação Paulista de Medicina nos proporciona ao designar para reverenciar o insigne mestre prof. dr. Domingos Delascio representa difícil missão. Como podemos em poucos minutos expressar o seu extraordinário dinamismo, que se iniciava antes do aparecimento do sol e terminava noite adentro? Como enfatizar todo seu trabalho científico em tão pouco tempo?

Diframos sucintamente que conquistou por absoluto mérito todos os títulos e cargos, entre os quais destacamos: livre-docente de Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo sido professor titular de Botucatu, Mogi das Cruzes, Santos, ABC e Escola Paulista de Medicina. Dedicou muitas décadas de sua vida à Escola Paulista de Medicina e à Casa Maternal e da Infância da LBA, gerando uma plêiade de discípulos,



que continuam por todo o País perpetuando seus ensinamentos. Contá-los seria impossível. Para dar visão pálfida dos tocoginecologistas que formou, bastaria lembrar os oito professores titulares das Escolas de Medicina de São Paulo que foram seus discípulos diretos, destacando-se: Laurival de Luca, em Botucatu; Antonio Rozas, em Sorocaba; Sebastião Piatto, na Santa Casa; Akira Nishimura,

em Santo Amaro; Antonio Guilherme Moreira Porto, em Santos; Antonio Guariento, em Mogi das Cruzes; Luiz Kuly Júnior e nós, na Escola Paulista de Medicina. Na cátedra da Escola Paulista de Medicina, tituló cerca de dez livre-docentes, inúmeros mestres e doutores.

Como legado de obra científica primorosa, publicou inúmeros livros e trabalhos científicos, onde sempre envolvia e ensinava os seus discípulos, com o desiderato de lhes transmitir o amor pela Obstetrícia e Ginecologia.

A personalidade do preclaro prof. dr. Domingos Delascio destacava-se na valorização dos ideais humanísticos, sempre subestimando o supérfluo. Desta maneira, se agigantava em certos contrastes: a simplicidade, a humildade, a capacidade de perdoar representavam virtudes que se destacavam no contraste com o seu imenso saber e com a sua intransigência pa-

ra com a omissão e para com o erro.

Deixou na formação profissional de seus discípulos três âncoras: o amor à assistência, o amor à pesquisa e o amor ao ensino. Seus discípulos nunca se esquecerão da imagem grandiosa do mestre, do homem amigo, do profissional atualizado e capaz, do professor exímio em realçar com frases próprias e marcantes os ensinamentos de Tocoginecologia.

Foi-se o mestre, o príncipe, o oráculo dos obstetras nacionais, quando ainda muito necessitávamos de sua cultura, de suas idéias e de seus conselhos. Resta-nos a saudade e a gratidão por aquele que desinteressadamente fez muito por nós, pelas pacientes e pelo desenvolvimento da Tocoginecologia.

* Luiz Camano é professor titular do Departamento de Tocoginecologia da Escola Paulista de Medicina.

Médicos pintores e escultores

Entrem em contato com o Departamento Cultural da APM.

Tel.: (011) 37-4581, ramais 29, 30 e 31.